

POLÍTICAS INTEGRATIVAS E CONCEITOS LIGADOS ÀS MIGRAÇÕES

Alcinda Cabral

Xénia Vieira

Universidade Fernando Pessoa

RESUMO

As migrações internacionais conduzem a um relacionamento entre estrangeiros e autóctones que nem sempre se efectua sem conflitualidade. Esta constante, verificada ao longo dos séculos, foi sempre motivo de inquietação e de interesse por parte dos governos dos países envolvidos, dos grupos de imigrantes, dos cidadãos das sociedades receptoras e dos estudiosos sociais. Enquanto estes criaram conceitos explicativos das diferentes situações que pode configurar uma sociedade plural e estabeleceram recomendações no sentido de sensibilizarem os Estados para um consenso de políticas comuns visando os públicos deslocalizados, os Estados recebedores criaram políticas nesse sentido, muitas vezes sem atenderem a esses estudos, sem a participação dos Estados dadores e sem os contributos dos representantes dos migrantes. Esta situação tem vindo a merecer atenção crescente de todas as forças envolvidas, mas nem sempre as políticas dirigidas aos imigrantes alinham pelos conceitos estabelecidos nem pelas recomendações sugeridas. Pretendemos fazer um balanço desta situação neste artigo.

ABSTRACT

The international migrations lead to a relationship between foreigners and nationals that are not always made without conflict. This constant, verified throughout the centuries was always a reason for concern and interest by the governments of the countries involved, the groups of immigrants, the citizens from receiving societies and the social researchers. When they created explaining concepts on the different situations that can configure a plural society and established recommendations to sensitize the States towards an unders-

tanding of common policies facing the displaced public, the receiving States created policies in that subject, many times without attending to those studies, without the participation of the giving States and without the contributions of the migrant representants. This situation deserves growing attention of all forces involved, but not always the policies directed to the immigrants are in line with the concepts established nor the suggested recommendations. We intend to make a balance of this situation in this article.

INTRODUÇÃO

As migrações, sendo um fenómeno ancestral, adquiriram uma importância fundamental no mundo contemporâneo. A tal ponto que se converteram num objecto de estudo especializado prioritário nos mais diversos âmbitos das Ciências Sociais, desde aquelas que em princípio estariam mais vocacionadas para este estudo, como a sociologia, a antropologia, a psicologia, as relações internacionais, a ciência política, até à economia, à demografia, à história, à geografia humana, e mesmo às ciências da saúde, tal é o volume e a diversidade das implicações que os movimentos migratórios abrangem.

O séc. XX iniciou os estudos no âmbito das migrações humanas, mas o crescente interesse pela relevância social que elas produzem, devido à sua universalização e à multidimensionalidade das suas consequências (Blanco, 2000: 10) atingiu o auge a partir da segunda metade do séc. XX, impulsionado pelos processos de globalização que começaram a ter lugar.

Os primeiros trabalhos de relevo e interesse sobre migrações podem situar-se a partir dos anos 20 nos USA, na Universidade de Chicago, onde um grupo de sociólogos se iniciou à sociologia urbana, ao debruçar-se sobre os efeitos das fortes concentrações populacionais nas periferias das grandes metrópoles americanas (Rocha-Trindade, 1995: 95). Assim foi fundada a denominada e célebre “Escola de Chicago”, cujo objectivo maior foi o estudo da dinâmica dos processos sociais relativos às comunidades de imigrantes (Thomas e Znaniecki, 1918; Wirth, 1928; Park, 1926, 1928, 1929).

Depois dos USA, o Canadá, a Austrália e os países da Europa Ocidental, sobretudo aqueles que receberam grandes contingentes de imigrantes, também começaram a dedicar-se à análise das migrações. Este interesse revelou-se notável, particularmente ao longo da última década do séc. XX e início do séc. XXI.

Muitos são os académicos que actualmente se consagram ao estudo das migrações, muitos são os alunos que aí buscam sub-temas para as suas

monografias, dissertações e teses, assim como nos Centros de Estudo de Ciências Sociais, as migrações constituem, em todos eles, uma das linhas de pesquisa em que se investem mais estudiosos e em que se produzem mais trabalhos, o que se poderá constatar pelas inúmeras publicações e congressos sobre esta matéria realizados em todo o mundo.

O que se pretende significar com este preâmbulo é que o tema das migrações evoluiu no enfoque que lhe é dado. Deixou de ser unicamente associado a populações desfavorecidas social, cultural e economicamente, frequentemente encaradas unilateralmente como relevando de um âmbito assistencial e de um conseqüente encargo para as sociedades receptoras, passando actualmente a usufruir de um estatuto de fonte de conhecimento científico multidisciplinar.

Dada a relevância e extensão desta problemática, somos naturalmente levados a restringir o seu âmbito e a fazer escolhas para este artigo. Optaremos por abordar o ponto que indubitavelmente mais se destaca na actualidade, que é preocupação da sociedade civil e dos governantes: trata-se da integração dos imigrantes nas sociedades de chegada.

Assim, em primeiro lugar, faremos um resumo histórico-descritivo das políticas de integração utilizadas, e, em segundo lugar, faremos uma revisão dos conceitos de que se têm servido as Ciências Sociais para tratar, descrever, explicar e procurar encontrar soluções para esta mobilidade humana crescente. Ao servirmo-nos desta metodologia, temos como objectivo partir das definições conceptuais e das recomendações dos teóricos, para interrogar as modalidades e a pertinência da sua aplicação no terreno.

Em ordem a situarmos o tema, começaremos por apresentar um quadro, no qual esquematizaremos, segundo o nosso ponto de vista, as tipologias das migrações actuais.

Assim, percebemos os fenómenos das migrações actuais condicionados por três variáveis: espaço, tempo de permanência e motivos da partida.

Tipologias das Migrações Actuais					
Situação Geográfica	Internas ou nacionais				
	Externas ou internacionais - Comunitárias - Extra comunitárias . Legais ou Documentadas . ilegais ou Indocumentadas				
Situação Temporal	Transitórias				
	Definitivas				
Situação Causal	Natureza	Económica	Política	Estudo/ Investigação	Pós-reforma
	Motivação	Espontânea/ Dirigida	Forçada/Dirigida	Espontânea/ Dirigida	Espontânea/ Dirigida
	Objectivos	Emprego	Asilo	Estudo/Cooperação/ Transferência de Cérebros	Saúde/ Cultura de grupo/ Rendimento Económico

No que respeita ao espaço geográfico, as migrações internas designam os movimentos dentro do mesmo espaço nacional, como os do interior para o litoral e/ou os dos meios rurais para os urbanos. Já as externas ou internacionais implicam deslocalizações para o estrangeiro. É comum diferenciá-las entre comunitárias e não-comunitárias ou extra-comunitárias, o que se nos afigura tratar-se de designações, tanto impróprias, como incompletas. A formulação “extra-comunitários” parece sugerir tratar-se de europeus não pertencentes à Comunidade Europeia, quando na realidade abarca esses sujeitos, mas também os oriundos de outros continentes. Por outro lado, ao considerar-se a sub-categoria dos “comunitários”, está-se a catalogá-los como “imigrantes”, quando, legalmente, eles não deveriam ser contabilizados nem considerados como tal, visto terem o direito de se deslocar e de trabalhar na União Europeia como se estivessem no seu próprio país. Em contra-partida, a distinção entre “legais ou documentados” e “ilegais ou indocumentados” só se aplica, muito naturalmente, aos não-comunitários, o que não está de acordo com a situação de “imigrantes” que se lhes atribui, como acabámos de ver.

A situação temporal tem evoluído muito nos últimos tempos. Enquanto nas migrações mais distantes, sobretudo quando os lugares de instalação não distavam muito dos da origem dos seus actores, o perfil do e/imigrante era

iminentemente masculino, com um projecto individual de permanência no destino e um projecto familiar bem circunscrito, que implicava o cumprimento de determinados objectivos (compra de automóvel e de terrenos, que dariam lugar à construção da vivenda e do jazigo no cemitério, na aldeia de origem), seguidos do retorno. Este quadro de referentes conduzia a uma imigração transitória, considerada na variável “tempo”. Entretanto, o perfil actual oscila entre dois casos de figura: deslocação da família completa (pais e filhos), e partida das mulheres, sozinhas (geralmente, quando não têm descendentes) ou com os filhos. A feminização da imigração, empreendida pelas mulheres e vivida unilateralmente por elas acusa uma tendência com crescimento acelerado, sobretudo de determinadas proveniências, como Brasil (no caso de Portugal), Marrocos e República Dominicana (no caso de Espanha). Estes novos perfis implicam projectos de instalação muito mais definitivos que transitórios, ao contrário das correntes e/imigratórias do século XX e anteriores.

A situação causal, no que toca à natureza que impulsionou a partida, a par das razões tradicionais (económicas e políticas), apresenta dois novos públicos: para fazer estudos (estudantes Erasmus, bolseiros de investigação, mestrandos e doutorandos) e pessoas na pós-reforma. Quanto às motivações, nestes dois últimos casos, elas são de carácter espontâneo, embora sejam também dirigidas por organismos específicos (estudo) ou empresas de venda de propriedades (reformados). Quando são as razões económicas que levam à saída, também encontramos um misto de impulsos (projectos individuais, portanto de carácter espontâneo, mas com a colaboração de redes de emigração), o mesmo se passando com os refugiados que procuram asilo, que, a par da vontade individual, dependem muito das redes de emigração, que muitas vezes são obrigados a utilizar como único meio para sair do país. No que concerne aos objectivos da partida, paralelamente aos clássicos (emprego ou asilo político), há os dos dois novos tipos enunciados: investigação, cooperação, importação de cérebros, em que se trata de uma imigração de elites intelectuais, enquanto as pessoas reformadas são movidas por questões de saúde (melhor clima, vida ao ar livre, ambientes protegidos), de cultura de grupo (deslocam-se, fazendo-se acompanhar

do grupo de relações sociais privilegiadas: familiares e amigos, adquirindo todos casas no mesmo empreendimento e formando povoações nas quais reciam totalmente a origem) e por motivos económicos (investimento em países atractivos).

I. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

A partir de agora, centrar-nos-emos exclusivamente nas Migrações Internacionais, particularmente nas originadas por razões económicas, e especificamente num dos seus sub-processos, que é a Imigração, e as suas consequências sociais.

Pretendemos abordar algumas questões relativas à Imigração, porque se trata da tipologia que engloba maior número de indivíduos e que assume características que tornam mais problemático o processo de socialização com os autóctones.

A Multiculturalidade que compõe as sociedades actuais, embora manifeste uma dominância de aspectos positivos quando abordada na totalidade das suas consequências (demográficas, económicas, como contra-peso ao envelhecimento e à baixa natalidade dos países receptores, como acontece na Europa, e outros) também comporta problemas de convivência que muitas vezes reduzem os colectivos de imigrantes a nichos socio-culturais, que obstaculizam a mestiçagem cultural, limitando assim a inclusão dos estrangeiros nas sociedades de destino.

A recepção de imigrantes torna-se tanto mais problemática quanto maior for o volume de pessoas deslocadas, bem como a sua visibilidade social, a sua concentração no espaço de residência e de trabalho e a sua diversidade cultural, conquanto estas condições não sejam igualmente válidas para todos os colectivos. Por exemplo, actualmente, a presença de comunidades árabo-muçulmanas na Europa apresenta-se com mais elevada visibilidade social do que a comunidade chinesa, embora os contactos culturais dos

européus tivessem sido ao longo de séculos de História muito mais intensos com os árabes que se instalam nos seus países do que com os chineses.

Assim, diversidade cultural e convivência social tornaram-se frequentemente variáveis incompatíveis, como comprovam os estudos da Escola de Chicago, desde os pioneiros, e todos os outros (européus, australianos, canadianos, etc.), até aos nossos dias. Isto significa que a ebulição crescente e mesmo os confrontos que actualmente ocorrem em algumas sociedades pluri-étnicas não é uma novidade, do mesmo modo que também não é novo o fenómeno de deslocalização de pessoas. Pelo contrário, tal sempre se registou desde os primórdios da Humanidade, dando origem a guerras, a expulsões, às noções de “estrangeiro”, do “outro”, do “diferente”, de “cidadania/s”, de “direitos”, e outros. Por isso, ao longo dos tempos, foram-se desenhando modelos de tentativa de inclusão dos imigrantes nas sociedades receptoras.

Os modelos teóricos servem para orientar e para interpretar as formas de convivência entre imigrantes e nativos. São portanto modelos de coabitação-tipo, que se foram construindo com base na realidade, fundamentando-se em estudos de casos. A partir dos modelos, elaboraram-se estratégias e políticas específicas. As políticas poderão ser gizadas de duas formas: lideradas unilateralmente pelas autoridades do país de recepção, com ou sem acompanhamento de especialistas socio-culturais; ou lideradas bilateralmente, em parceria com representantes dos colectivos de imigrantes. Pelo menos teoricamente, se se adopta a primeira postura, decide-se à partida conter os fluxos de entradas e limitar a participação dos imigrantes na vida pública do país. A segunda posição, geralmente vem na sequência de exemplos de alguns países que tiveram dificuldades com a gestão da imigração, o que vai levar outros governantes a porem em prática atitudes de abertura relativamente às diferenças, através de um diálogo multicultural, na mira de procurarem um consenso. Esta atitude parece ser a mais acertada, todavia, para que ela resulte, há que criar condições de uma parte e de outra. Por um lado, a sociedade receptora tem que estar preparada para receber os estrangeiros, sem os considerar uma ameaça à sua identidade colectiva e à sua coesão como grupo. Por outro lado, os sujeitos migrantes têm que estar menta-

lizados para os processos de mudança que inevitavelmente se vão verificar em todo o seu modo de viver e até nas suas identidades, o que depende de muitos factores, sobretudo das suas expectativas como imigrante e também dos seus projectos pessoais. Kofi Annan, numa entrevista em que faz um balanço das suas actividades como Secretário-Geral das Nações Unidas, sintetiza bem a dualidade de esforços exigidos neste contexto (2006: 78):

Julgo que também houve erro político no modo como organizamos a sociedade, na forma como recebemos e tratamos os imigrantes, na forma como os tratamos quando chegam aos aeroportos e no subsequente traçar de perfis raciais. (...) Precisamos realmente de compreender que, se vamos viver num mundo globalizado, a migração é um facto, não a podemos impedir. Temos de a gerir eficazmente para benefício do migrante, do país de origem e do país de destino. E ver realmente como os podemos integrar na nova sociedade em que estão e como se relacionam entre si. É preciso capacidade de ajustamento e adaptação, tanto dos recém-chegados como da sociedade que os recebe.

II. MODELOS E POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO

Os primeiros modelos/políticas de integração de imigrantes apareceram nos USA. Numa perspectiva sincrónica, o primeiro foi o Anglo Conformismo (séc. XVIII), através do qual os colonos ingleses e irlandeses procuravam impor o seu modo de vida e a sua língua às novas populações colonizadoras. O segundo foi o Melting pot (séc. XIX), que postulava a assimilação dos diferentes grupos de imigrantes, que deveriam abandonar os seus modelos culturais específicos em benefício de uma cultura comum, resultante da amálgama das várias nacionalidades que se encontravam no novo país⁹². O terceiro (séc. XX), com

⁹² Modelo semelhante foi retomado pela França, no séc XX, e apelidado de "creuset français". Creuset – cadinho, onde os metais eram fundidos e misturados, de modo a formarem uma amálgama.

as contribuições de Park e Burgess (Escola de Chicago, 1921), foi o Modelo de Integração dos imigrantes ao novo meio social, dividido em três fases consecutivas: competição, conflito, acomodação social (Rocha-Trindade, 1995: 92-98). Tratava-se de uma assimilação faseada, que começava pela competição, sobretudo no âmbito dos recursos laborais, entre imigrantes e nativos e entre os diferentes grupos étnicos de imigrantes. A competição gerava a instalação do conflito, que acabaria por terminar na acomodação social. Estas três fases estariam dependentes do factor “tempo”, que faria com que as grandes diferenças entre as populações imigrantes e a população nativa se esbatessem ao longo dos anos. Nos três casos (Anglo Conformismo, Melting Pot e Modelo de Integração de Park e Burgess) tratava-se nitidamente de modelos que cobriam políticas assimilativas, sendo as duas últimas muito ingénuas, na medida em que é quase impossível que um indivíduo passe completamente de um modelo cultural para outro, como pretendia o melting pot, e é de todo impossível que tal aconteça com uma comunidade inteira. Da mesma forma era falível o modelo de Park e Burgess, ao partir de duas constatações muito radicais negativamente: referimo-nos à “competição e ao conflito” e sobretudo à passagem destas duas fases para a da acomodação. Apareceu então, em meados do séc. XX, uma postura mais razoável: o Pluralismo Cultural (anos 50/60). Aqui, pela primeira vez, se assiste ao reconhecimento das várias culturas intervenientes no mesmo espaço nacional, sem que qualquer uma delas tenha que se adaptar a outra(s). Todavia, o Pluralismo Cultural corresponde mais a uma constatação de situações de partilha de território e de recursos em contexto imigratório do que propriamente a uma política, pelo que os problemas da “integração” continuaram sem resolução.

Na Europa, no que respeita às relações inter-étnicas, sempre coexistiram três modelos de integração e respectivas políticas: a Assimilação, o Multiculturalismo e a Segregação ou Rejeição.

As políticas dos países da União Europeia em relação às Minorias, portanto também em relação aos imigrantes (que são sociologicamente uma minoria) reflectem, grosso modo, com oscilações entre os diferentes países, orientações que se pautam por estes três elementos conjugados da seguinte for-

ma: aceitação do Pluralismo, promoção da Assimilação, repúdio da Rejeição ou Segregação.

A rejeição tem sido uma preocupação dos governos europeus, decorrente do combate ao racismo e à xenofobia. No que respeita a conjugar o pluralismo com a assimilação, que teoricamente são contrários, o que sucede no terreno é que, regra geral, se defende o pluralismo a nível de discurso, porque é correcto politicamente e socialmente fazê-lo, mas as práticas revelam uma tendência assimilacionista camuflada, sendo que o panorama não é uniforme em todos os países da UE. Para dar alguns exemplos da relatividade da aplicação no terreno destas políticas, poder-se-á afirmar que a França sempre exibiu uma aceitação muito mais restrita do Pluralismo do que a Holanda. No entanto, após o assassinio do Cineasta Théo Van Gogh, e a expulsão, mais ou menos camuflada, da deputada de origem etíope para os USA, aliados a outros acontecimentos, há alguns indícios de que a Holanda estará a endurecer a sua política bastante liberal em relação aos imigrantes, não ostensivamente, mas por demissão de intervenção. É o caso, relatado até à exaustão na Comunicação Social portuguesa, a tal ponto que passou a constituir já um lugar-comum pela frequência das notícias, de portugueses enganados e explorados por máfias que operam no mercado de trabalho agrícola holandês, sem que as autoridades tenham tomado qualquer atitude sobre a sua situação de fome e de condições mínimas de vida, mesmo depois das intervenções do Embaixador de Portugal em Haia.

III. CONCEITOS LIGADOS ÀS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

3.1. ANÁLISE CONCEPTUAL

Apresentamos em seguida a metodologia utilizada para a análise e respectivos objectivos propostos. Fazemo-lo de forma esquemática, a fim de possibilitar uma leitura mais fácil dos diferentes momentos e passos dados cronologicamente na pesquisa do material utilizado, respectiva selecção, elaboração da análise segundo o modelo apresentado, seguida da construção

de tabelas de semelhanças e de diferenças e comparação dos elementos delas constantes.

3.2. METODOLOGIA

1 – Pesquisa bibliográfica de autores reconhecidos na área das Migrações (Biblioteca da UFP)

2 – Pesquisa através da internet em sites oficiais nacionais e internacionais

3 – Pesquisa na internet (outros autores com documentos disponíveis)

4 – Selecção das definições dos conceitos, a partir dos textos destes autores

5 – Análise de conteúdo dos conceitos, para identificação da terminologia utilizada nas definições (apresentação, características, modo de aplicação e funcionamento), segundo o Modelo de Análise de Conteúdo de L. Bardin (1995), (Cf. Anexo, p.397 - 407)

6 – Elaboração de Tabelas com semelhanças e com diferenças para cada conceito:

- Foi utilizada a categoria gramatical “substantivo”, tendo-se recorrido à substantivação de alguns verbos, por forma a permitir uma leitura das Tabelas mais coerente
- Foram consideradas semelhanças os termos utilizados pelo menos por dois autores
- Foram consideradas diferenças os termos utilizados apenas por um autor

7– Construção de Tabelas Comparativas de semelhanças entre conceitos, com base nas anteriores (6)

8 – Construção de Tabelas Comparativas de diferenças entre conceitos, com base nas anteriores (6)

9 – Estas comparações têm como objectivo verificar:

- a) A existência de consenso (ou não) na definição dos conceitos (6) pelos diferentes autores;
- b) Se as fronteiras entre esses conceitos (7 e 8) estão (ou não) claramente definidas.

3.3. CONCEITOS

3.3.1. Multiculturalismo

O multiculturalismo transformou-se recentemente num tema de debate público, político e científico que se estendeu a toda a Europa Ocidental, desde que a partir da década de 80 do séc. XX as questões de imigração se começaram a colocar para a Europa do Sul (Machado, 2002: 11).

O autor entende o multiculturalismo como uma concepção teórica na qual as sociedades modernas são qualificadas como “multiculturais” quando se caracterizam pela diferenciação social e cultural, que se atribui à diversidade étnica e racial observável na sua composição. A diversidade é o factor distintivo dessas sociedades. Ou seja, uma sociedade multicultural corresponde a uma justaposição de comunidades diferentes entre si, regidas internamente por uma lógica de solidariedade mecânica (Machado, 2002: 11-16).

O multiculturalismo propõe um modelo ideal de sociedade – a sociedade multicultural – baseado no princípio de que cada indivíduo tem uma comunidade, cada comunidade uma cultura e cada cultura um espaço próprio e fronteiras invioláveis (Machado, 2002: 20).

Segundo Rocha-Trindade (1995: 249) o multiculturalismo está associado ao fenómeno social de um evidente pluralismo cultural que resulta, sobretudo, da intensificação e posterior radicação de correntes migratórias. Ou seja, o multiculturalismo expressa o carácter heterogéneo das sociedades numa base de diversidade étnica das respectivas populações.

No Canadá, desde 1971, o multiculturalismo tem sido uma política oficial que consiste no reconhecimento da diversidade cultural e racial, bem como

da igualdade de todos os cidadãos, independentemente da sua origem, como parte integrante do bem-estar social e económico. O multiculturalismo canadiano baseia-se nos princípios de igualdade, diversidade e comunidade: igualdade de oportunidades, diversidade de culturas, experiência e capacidades, e um forte sentido de comunidade de apoio. O conceito traduz a liberdade de os diversos grupos e comunidades manterem as suas respectivas identidades, enquanto parceiros pertencentes a um país unido (Minister of Supply and Services Canada, 1987: 3).

Segundo a Organização Mundial para as Migrações (www.iom.int/), o modelo multiculturalista reconhece sistemas de valores e práticas culturais diferentes numa sociedade que gira em torno de uma série de valores fundamentais comuns, que não são negociáveis, como por exemplo, a democracia, o Estado de direito ou a igualdade entre os sexos. Destes destacam-se os valores de diversidade e tolerância.

Para Marques (2003), no multiculturalismo há a:

(...) oportunidade de expressar e de manter elementos distintivos da cultura étnica, especialmente língua e religião, a ausência de desvantagens sociais e económicas ligadas a aspectos étnicos, a oportunidade de participar nos processos políticos, sem obstáculos do racismo e discriminação e o envolvimento de grupos minoritários na formulação e expressão da identidade nacional.

Holliger (*in* Marques, 2003), distingue dois modelos de multiculturalismo:

- modelo pluralista – prevê a manutenção estável dos diferentes grupos e seus direitos;
- modelo cosmopolita – situa a filiação étnico-cultural como voluntária e encoraja os membros de diferentes grupos de imigrantes a interagir, a partilhar a sua tradição cultural e a participar em instituições comuns na área educativa, económica, política e legal.

Priore (*in* Marques, 2003), entende que o multiculturalismo:

...designa tanto um facto (as sociedades são compostas de grupos culturalmente distintos) quanto uma política (colocada em funcionamento em níveis diferentes) visando a coexistência pacífica entre grupos étnica e culturalmente diferentes (...). A política multiculturalista visa, com efeito, resistir à homogeneidade cultural, sobretudo quando esta homogeneidade se afirma como única e legítima, reduzindo outras culturas a particularismos e dependências.

Por sua vez, Inglis (*in* Marques, 2003), distingue três abordagens do conceito de multiculturalismo:

1. Demográfico-descritivo – baseado na existência de vários segmentos étnicos distintos.
2. Programático-político – baseado em programas e iniciativas políticas destinadas a gerir a diversidade étnica.
3. Ideológico-normativo – modelo para a intervenção política baseada na teorização sobre o lugar das identidades culturais distintas numa sociedade contemporânea. Defende a existência de uma diversidade étnica e assegura que os indivíduos possam manter a sua cultura, ao mesmo tempo que lhes assegura total direito de acesso e participação social e aderência a um conjunto de valores comuns partilhados por toda a sociedade.

3.3.2. Interculturalismo

Para Rocha-Trindade (1995: 234), a implementação de políticas que levem ao desenvolvimento das relações interculturais parte da ideia de que a maioria dos imigrantes irá permanecer no país de acolhimento, e traduz-se na:

(...) valorização da sua participação na sociedade onde residem e o contributo para a decisão de determinadas questões do foro político e social, deverão ser alguns aspectos cujo reconhecimento merece ser incentivado pelos respectivos governos.

A teoria intercultural parte

(...) da constatação de que a identidade sócio-cultural se encontra em estreita relação com o universo cultural em que o indivíduo foi socializado, e que reflecte também a classe social a que este pertence, o sexo e a idade que tem. Ela pretende sublinhar o facto de cada ser humano estar ligado, simultaneamente, a vários subgrupos culturais e inserido em diversas microculturas. (...) Defensora da criação de condições facilitadoras do diálogo entre elementos de diferentes culturas, esta corrente baseia-se na convicção de que a interacção e interpenetração dos vários universos culturais será factor de enriquecimento recíproco e da própria sociedade em geral (Rocha-Trindade, 1995, 257).

Para Nieves (*in* Marcusán, 1996: 98) o termo “interculturalidade” faz referência a uma dinâmica que sugere um aspecto relacional entre culturas, ou seja, refere-se às relações entre as culturas.

Na perspectiva de Fleuri (http://www.ced.ufsc.br/nucleos/mover/html/FLEURI_2000_Multiculturalismo_e_interculturalismo_nos_pro.htm), o interculturalismo surge da necessidade de consolidar a defesa das identidades e da pertença étnica, e, ao mesmo tempo, da necessidade de um grupo se abrir e de construir relações de reciprocidade com outros. No interculturalismo “(...) *os diferentes grupos e indivíduos articulam-se sob a forma de redes e parcerias, onde a complementaridade se constrói a partir do respeito às diferenças.*”

Para Marques (<http://www.acime.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=933>):

Mais do que uma co-existência pacífica de diferentes comunidades, o modelo intercultural afirma-se no cruzamento e miscigenação cultural, sem aniquilamentos, nem imposições. Muito mais do que a simples aceitação do “outro”, a verdadeira tolerância numa sociedade intercultural propõe o acolhimento do outro e transformação de ambos com esse encontro.

Segundo os “UNIDOS para uma acção intercultural”, o interculturalismo:

(...) consiste em pensar que nós nos enriquecemos através do conhecimento de outras culturas e dos contactos que temos com elas e que desenvolvemos a nossa personalidade ao encontrá-las. As pessoas diferentes deveriam poder viver juntas apesar de terem culturas diferentes. O interculturalismo é a aceitação e o respeito pelas diferenças. Crer no interculturalismo é crer que se pode aprender e enriquecer através do encontro com outras culturas. (http://www.minerva.uevora.pt/publicar/racismo/racista_eu.htm).

Numa perspectiva educacional, de acordo com Area (<http://webpages.ull.es/users/manarea/Documentos/documento2.htm>):

La educación intercultural es ante todo una propuesta de formación del alumnado en la ciudadanía. Es una “educación política” en el sentido clásico del término, tal como lo entendía el mundo griego: formación de los miembros de la polis. Por ello, educar para el interculturalismo es ante todo un ejercicio de formación política e ideológica de los niños y niñas para construir un nuevo modelo de convivencia basado en la tolerancia y el respeto de los diversos grupos étnicos y sociales que habitan el planeta. El interculturalismo, en este sentido, es un proyecto político que apuesta por superar el conflicto, el enfrentamiento, la dominación entre las culturas y busca el entendimiento, la tolerancia y la integración entre las mismas.

Para Guigoni (<http://www.lacritica.net/guigoni.htm>):

L'interculturalismo è una teoria e una prassi di qualche rilievo perché auspica in buona sostanza che in una società multietnica e multiculturale prevalgano atteggiamenti e comportamenti di conoscenza e scambio reciproco, di ibridazione e mescolamento etnico e culturale tra i membri di quella società.

Segundo o governo do Chile (http://www.tolerancia.cl/index.php?option=com_content&task=view&id=30&Itemid=44), o interculturalismo é uma:

(...) situación social de contacto de diversas culturas regulada por el diálogo y el reconocimiento mutuo. Connota una relación de igualdad, horizontalidad, de intercambio, de diálogo, de participación y convivencia, de autonomía y

reciprocidad, de actuar para el conjunto de la comunidad. Supone una búsqueda cooperativa e intencional de un nuevo espacio sociocultural común, sin renunciar a la especificidad diferencial de cada una de las partes.

3.3.3. Integração

Na abordagem de Durkheim (*in* Machado, 2002: 63), a integração diz respeito a um estado de interdependência harmoniosa dos indivíduos num todo social normativamente regulado.

Segundo Machado (2002: 64), Lockwood faz a distinção entre integração social e integração sistémica. A integração social diz respeito “às relações ordeiras ou conflituosas entre os actores” e a integração sistémica refere-se “às relações ordeiras ou conflituosas entre as partes de um sistema social”.

Para João Ferreira de Almeida, integração significa “*não exclusão*”, e para Martine Xiberras trata-se de um “*problema conseqüente da exclusão*”, ou seja o conceito engloba o processo de passagem de situações de exclusão para situações de participação social e de cidadania (*in* Machado: 65).

A partir da perspectiva multiculturalista de Ellis Cashmore (*in* Machado, 2002: 67), a integração significa a capacidade que diferentes grupos étnicos têm de manter as suas fronteiras e individualidade, participando em igualdade nos processos fundamentais de produção, distribuição e Governo.

Para Machado (2002: 70) “...a integração não é uma variável dicotómica, de tudo ou nada, devendo antes ser entendida gradativamente”. Segundo este autor, a integração a longo prazo pode ser sinónimo da “...consolidação entre a população autóctone e as populações migrantes de um sentimento recíproco de pertença à mesma sociedade global”.

A integração dos migrantes depende do grau de envolvimento e participação nas dinâmicas económicas, sociais, culturais e políticas das sociedades de acolhimento (Machado, 2002: 73).

Na perspectiva de Castles & Miller (1993: 116-117), o multiculturalismo baseia-se na ideia de que as comunidades étnicas que mantêm a língua e a cultura do espaço de origem são legítimas e consistentes com a cidadania, desde que adiram a determinados princípios, tais como o respeito pelas instituições básicas e por princípios democráticos. O multiculturalismo implica o reconhecimento da necessidade de leis, instituições e políticas sociais especiais para ultrapassar barreiras à participação integral dos vários grupos étnicos na sociedade.

Para Grinberg e Grinberg (2004: 95) a integração do imigrante no ambiente receptor implica a renúncia a parte da sua individualidade, pelo menos temporariamente, sendo essa renúncia tanto maior quanto a diferença entre o grupo acolhedor e o grupo ao qual pertenceu.

Segundo Vala (*in* Barreto, 2005: 284), *“A integração corresponde a uma estratégia que associa a manutenção da identidade da minoria e a sua adopção dos valores nucleares da comunidade de acolhimento”*.

Pires (2003: 50) define a integração social como:

(...) os modos de incorporação dos actores individuais em novos quadros de interacção, em consequência de episódios de mudança social e de deslocamentos intra-sistema de ordem (ciclos geracionais ou mobilidade social), ou inter-sistemas de ordem (migrações).

Para José Leitão (Ministério da Segurança Social e do Trabalho, 2002: 94), a integração é um processo bilateral, em que tanto cidadãos nacionais como imigrantes criam condições para viverem juntos, na cooperação e na solidariedade e no respeito pela individualidade de cada um.

A integração consiste num *“Processo social que tende a harmonizar ou unificar diversas unidades antagónicas, sejam elementos da personalidade, dos indivíduos, dos grupos ou de agregações sociais maiores.”* A integração social, por sua vez, é entendida como um *“Ajustamento recíproco de grupos de modo a formar uma sociedade organizada”*. (Dicionário de Sociologia, 1981: 184).

Segundo Abercrombie, Hill e Turner (1986: 137) *“La integración se refiere también al proceso por el cual razas diferentes llegan a tener relaciones económicas, políticas y sociales más estrechas.”*

Na perspectiva de Domingo (*in* Marcusán, 1996: 117), a integração social é entendida como a possibilidade de um processo de apropriação de espaços sociais ascendentes, ou melhor, prevê a existência de mobilidade social. A integração deve ser medida a partir do complexo multidimensional das condições de vida, indissociáveis das condições mentais e materiais.

Para Andújar (*in* Marcusán, 1996: 131), a integração é o processo de compor e unificar partes de um todo, ou seja, um intercâmbio recíproco que garante a existência e preservação das diferentes culturas. Através dela o colectivo imigrante sente-se activo e participa na vida social, económica, laboral e cultural do país de acolhimento. Numa perspectiva antropológica, a integração define-se como a harmonia, coerência e unidade interna entre todos os elementos de um sistema socio-cultural. Para o trabalho social, a integração social é entendida como um processo destinado a conseguir a incorporação e participação dos imigrantes na vida económica e social do país de acolhimento, num clima de respeito e aceitação recíprocas.

No glossário da Organização Mundial para as Migrações (<http://www.iom.int//DOCUMENTS/PUBLICATION/EN/Glossary.pdf>), a integração é definida como o processo através do qual os imigrantes são aceites pela sociedade, como indivíduos e como grupos. Os requisitos particulares para a aceitação pela sociedade receptora variam muito de país para país; e a responsabilidade pela integração assenta não em um grupo particular, mas em muitos actores: os próprios imigrantes, o governo anfitrião, as instituições e as comunidades. Segundo a Organização Mundial para as Migrações (<http://www.iom.int//DOCUMENTS/PUBLICATION/EN/Glossary.pdf>), *“La integración es un proceso bidireccional, donde el migrante se adapta a las condiciones en el país de acogida, y el país se beneficia de la diversidad que aporta la inmigración”*. A diferença entre assimilação e integração está na importância da preservação da diversidade cultural na integração, que consiste num processo contínuo, de

dupla via, que exige ajustes, tanto da parte das sociedades de acolhimento como da parte dos migrantes.

3.3.4. Assimilação

De acordo com Robert Parks (*in* Machado, 2002: 11), a assimilação é a quarta e última fase do processo de sedentarização dos migrantes nas sociedades de acolhimento: contacto, competição, acomodação e assimilação.

Para Wilton e Bosworth (*in* Castles & Miller, 1993: 116), a assimilação baseia-se na doutrina de que os imigrantes podem ser culturalmente e socialmente absorvidos, e podem tornar-se indistintos da população da sociedade acolhedora.

Na perspectiva de Vala (*in* Barreto, 2005: 284), *"A assimilação ... refere-se à negação da diferenciação identitária da minoria e à sua absorção pelos valores da maioria."*

Segundo Manning (*in* Portes, 1999: 41), a assimilação pressupõe a fixação de uma cultura dominante, com uma tónica na construção de consenso e a suposição de uma sequência básica e padronizada de adaptação.

Para Eisenstadt (*in* Portes: 42), a assimilação corresponde ao abandono, por parte dos imigrantes, do seu estilo de vida, e da aquisição de características que os tornem aceitáveis pela sociedade anfitriã.

Gordon (*in* Rocha-Trindade, 1995: 99) faz a distinção entre a assimilação cultural, que diz respeito *"...à forma como as minorias étnicas adquiriam as maneiras, modos de agir, de vestir e de comunicar (língua e linguagem utilizada), bem como todas as outras normas de interacção quotidianas"* e entre assimilação estrutural, que *"...traduzia o acesso das minorias étnicas às principais instituições sociais, especialmente ao nível dos grupos primários."*

Para Simpson e Yinger (*in* Rocha-Trindade, 1995: 223), a assimilação:

(...) é o processo através do qual os grupos minoritários são absorvidos ou incorporados no sistema socio-cultural da maioria (ou do grupo dominante), vindo a perder, eventualmente, a sua identidade cultural e física.

Para Rocha-Trindade (1995: 359), a assimilação é a:

(...) aceitação de um grupo minoritário por parte da população maioritária, em que o grupo adopta as normas e os valores da cultura dominante. Processo através do qual os grupos minoritários são absorvidos ou incorporados no sistema sociocultural do grupo maioritário.

Pires (2003: 96) entende por assimilação:

(...) o processo de inclusão dos imigrantes no espaço identitário definidor da pertença à sociedade de chegada e, portanto, definidor também da possibilidade de participação alargada do imigrante nos quadros de interacção preexistentes.

Para Kazal, a assimilação identifica-se com a homogeneização, e para Brubaker, com processos de incremento da similitude (in Pires, 2003: 96).

De acordo com uma das definições clássicas da escola de Chicago, a assimilação é

(...) um processo de interpenetração e fusão, no qual pessoas e grupos adquirem as memórias, sentimentos e atitudes de outras pessoas ou grupos e, ao assim partilharem a sua experiência e história, são com elas incorporados numa vida cultural comum (Park e Burgess, in Pires, 2003: 97).

Ainda na perspectiva de Park (in Pires, 2003: 97), a assimilação é:

(...) o nome dado ao processo ou processos pelos quais pessoas de diversas origens raciais ou com diferentes heranças culturais, que ocupam um mesmo território, adquirem uma solidariedade cultural suficiente para, pelo menos, sustentar uma existência nacional.

De acordo com Alba e Nee (in Pires, 2003: 98), “...a assimilação pode ser definida como o declínio e, no seu término, o desaparecimento das distinções étnicas e raciais e das diferenças sociais e culturais que as expressam”.

No Dicionário de Sociologia (1981: 34), a assimilação é entendida como o:

(...) conjunto das mudanças de ordem psíquica a que estão sujeitas as pessoas que se transferem de uma determinada sociedade para outra, culturalmente diversa. Praticamente, essas mudanças consistem na obliteração, substituição e modificação de hábitos (modos de sentir, pensar e agir) anteriormente adquiridos.

De acordo com a Organização Mundial para as Migrações (<http://www.iom.int//DOCUMENTS/PUBLICATION/EN/Glossary.pdf>), a assimilação é a adaptação de um grupo étnico ou social – frequentemente uma minoria – a outra. Significa a interiorização da linguagem, tradições, valores e comportamentos, ou mesmo de interesses vitais fundamentais e uma alteração do sentimento de pertença.

Segundo a Organização Mundial para as Migrações (<http://www.iom.int//DOCUMENTS/PUBLICATION/EN/Glossary.pdf>), a assimilação consiste numa definição monocultural da sociedade, que exige que os imigrantes se adaptem plenamente ao sistema de valores e de direitos da sociedade de acolhimento.

Para Kälin (in http://www.iom.int//DOCUMENTS/PUBLICATION/SP/IDM_4_sp.pdf), a assimilação significa que os imigrantes não devem ser distinguidos do resto da população.

Para Inglis (in Marques: 2003), na assimilação as minorias integram-se totalmente na sociedade de acolhimento, fazendo desaparecer as suas especificidades e abandonando os traços distintivos na língua, cultura ou hábitos sociais.

3.3.5. Segregação

Segundo Vala (in Barreto, 2005: 284-285), “A segregação corresponde à não aceitação da identificação da minoria com os valores da maioria e à tolerân-

cia face à identidade da minoria". Assim, a estratégia de segregação assenta na crença de que os imigrantes nunca poderão inserir-se como membros de pleno direito na sociedade de acolhimento, visto que dispõem de uma essência cultural diferente da essência da maioria e, por isso, são percebidos como incapazes de adotarem a sua cultura.

Para Bourhis (*in* Barreto, 2005: 284),

(...) as pessoas que adoptam a estratégia de segregação cultural não favorecem os contactos interculturais e preferem que os imigrantes permaneçam juntos entre si e separados da maioria, sendo, além disso, ambivalentes no que toca aos direitos dos imigrantes na sociedade de acolhimento.

Segundo Rocha-Trindade (1995: 377), a segregação social consiste num conjunto de *"práticas através das quais existe uma separação forçada de um grupo em relação aos demais"*.

A segregação é um:

(...) processo de dissociação mediante o qual indivíduos e grupos perdem o contato físico e social com outros indivíduos e grupos. Essa separação ou distância social e física é oriunda de fatores biológicos e sociais: raça, riqueza, educação, religião, profissão, nacionalidade. (Dicionário de Sociologia, 1981: 302).

Num modelo de segregação, de acordo com a Organização Mundial para as Migrações (<http://www.iom.int//DOCUMENTS/PUBLICATION/EN/Glossary.pdf>), existe um sistema de valores monocultural. Neste modelo são muito limitados os direitos e a participação dos imigrantes na sociedade. Segundo Marques (2003), a perspectiva

(...) Diferencialista/ Segregacionista, procura evitar os conflitos, minimizando ou eliminando os contactos da sociedade de acolhimento com as minorias étnicas. Em versões benignas, sublinha-se o carácter de "estrangeira" da comunidade migrante, permitindo alguma especificidade cultural, mas sem

interacção com a comunidade autóctone. Versões extremas deste modelo fundamentam o apartheid, com o desenvolvimento de instituições paralelas para as minorias, ou as limpezas étnicas. Neste modelo, na atribuição da nacionalidade, vinga o “jus sanguinis”, ou seja, por laços sanguíneos, o que exclui da nacionalidade os estrangeiros ou, pelo menos, dificulta muito.

CONCLUSÕES

A análise de conteúdo realizada e apresentada em anexo (quadros respeitantes às diferentes sequências enunciadas na metodologia, acompanhados da bibliografia utilizada para o efeito) permitiu chegar às conclusões que seguem.

Tanto o multiculturalismo como o interculturalismo procuram promover a integração dos imigrantes, através da manutenção das suas identidades, ao mesmo tempo que promovem o respeito mútuo dos vários grupos pelas respectivas diferenças.

Não ficam claros os traços distintivos dos dois conceitos/políticas, visto que ambos recorrem a um segundo conceito para determinar os moldes em que se pretende abordar a diversidade cultural nas sociedades, que é a integração, conceito esse que também nem sempre vem definido na mesma direcção.

A integração e a assimilação são ambos conceitos que traduzem processos distintos de incorporação das minorias no que concerne à aceitação das diferenças. Enquanto pela integração se busca a participação das minorias migrantes e a harmonia entre comunidades distintas numa relação de reciprocidade, na assimilação procura-se que as minorias abandonem ou adaptem os seus costumes no sentido da aquisição dos valores da maioria dominante, reduzindo a diversidade cultural e aumentando o sentimento de pertença ao grupo maioritário. Subsiste a dúvida se a assimilação pode (ou não) ser uma forma de integração, no sentido em que a diferença recai no abandono, voluntário ou forçado, da identidade cultural das minorias.

Quanto à segregação ou rejeição, não restam grandes dúvidas, pois parece haver um consenso em volta do termo separação. Num contexto de segregação, o contacto entre grupos culturalmente distintos é reprimido, o que se traduz no distanciamento a todos os níveis: cultural, social, económico, educacional, profissional e político.

Parece poder afirmar-se, a partir deste pequeno estudo e da observação directa no terreno aquando do trabalho de campo efectuado no desenvolvimento de projectos de investigação neste âmbito, que as maiores ambiguidades se verificam na comparação das definições dos conceitos de “integração” e de “assimilação” quando, à partida, a intenção dos teóricos parece ser oposta.

Assim, não será de estranhar de forma alguma que entre conceitos e políticas exista um grande desfasamento. Na realidade, actualmente, os governantes apelam à mestiçagem cultural, utilizando a terminologia conceptual adequada, mas da leitura das suas políticas infere-se um processo flutuante entre trocas culturais recíprocas e conformação dos estrangeiros à situação encontrada no momento da imigração, enquanto ao nível das práticas, estas revelam uma dominância assimilativa, em função das preferências da maior parte do eleitorado nacional e da manutenção da ordem social.

Na realidade, embora nenhum país assuma a adopção de medidas políticas de assimilação nem de segregação, optando por insistir na integração, através da manutenção do multiculturalismo, na verdade as medidas de facto adoptadas muitas vezes não favorecem a integração, gerando ambivalência e confusão relativamente à postura das maiorias face às minorias étnicas e imigrantes.

Assim, respondendo à interrogação colocada no início deste trabalho sobre a pertinência e a actualidade dos conceitos e das políticas ligados directamente à inclusão dos imigrantes nas sociedades receptoras, parece poder afirmar-se que eles revelam alguma evolução a nível da definição conceptual no sentido de alguma precisão, e muita indefinição e algum descontrolo a nível das políticas aplicadas.

BIBLIOGRAFIA

ABERCROMBIE, N. HILL, S. E TURNER, B. S. (1986). *Dicionário de Sociologia*. Madrid, Cátedra S. A.

ANNAN, KOFI (2006). "Entrevista" In: Revista *Única* 18 de Novembro.

AREA, MANUEL E ORTIZ, MANUEL (1998). Medios de Comunicación, Interculturalismo y Educación. [Em linha]. Disponível em <http://webpages.ull.es/users/manarea/Documentos/documento2.htm> [Consultado em 03-06-2006].

BARRETO, ANTÓNIO (Organizador). (2005). *Globalização e Migrações*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

BLANCO, CRISTINA (2000). *Las migraciones contemporáneas*. Ciencias Sociales, Alianza Editorial.

BURGESS, E. W. (ed.) (1926). *The urban community*. Chicago, University Chicago Press.

CASTLES, S., E MILLER, M. J. (1993). *The Age of Migration: International Population Movement in the Modern World*. Basingstoke, Guilford Press.

- *Dicionário de Sociologia*. (1981). Rio de Janeiro, Editora Globo.

FLEURI, REINALDO MATIAS (2000). [Em linha]. Disponível em http://www.ced.ufsc.br/nucleos/mover/html/FLEURI_2000_Multiculturalismo_e_interculturalismo_nos_pro.htm [Consultado em 03/06/2006].

- *Governo do Chile* (2006). *Interculturalismo*. [Em linha]. Disponível em http://www.tolerancia.cl/index.php?option=com_content&task=view&id=30&Itemid=44 [Consultado a 05-06-2006].

GRINBERG, LEÓN E GRINBERG, REBECA (2004). *Migrações e Exílio – Estudo psicanalítico*. Lisboa, Climepsi Editores.

GUIGONI, ALESSANDRA (2001). *L'interculturalismo, per uscire dai ghetti culturali*. [Em linha]. Disponível em <http://www.lacritica.net/guigoni.htm> [Consultado em 05-06-2006].

- *International Organization for Migration* (2004). *International Migration Law: Glossary on Migration*. [Em linha]. Disponível em <http://www.iom.int//DOCUMENTS/PUBLICATION/EN/Glossary.pdf> [Consultado a 12-02-2006].

KÄLIN, W. In: *International Organization for Migration* (2003). *Diálogo Internacional Sobre la Migración – 84º Reunión del Consejo, 2-4 de diciembre de 2002*. [Em linha]. Disponível em http://www.iom.int//DOCUMENTS/PUBLICATION/SP/IDM_4_sp.pdf [Consultado a 12-02-2006].

- LEITÃO** (2002). "Integração dos imigrantes como pessoas, trabalhadores e cidadãos". In: *Imigração e Mercado de Trabalho* Cadernos Sociedade e Trabalho nº2.
- MACHADO, FERNANDO LUÍS** (2002). *Contrastes e Continuidades – Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*. Oeiras, Celta Editora.
- MARCUSÁN, ADRIANA K.** (Coord.). (1996). *VII Simposio: procesos migratorios y relaciones interétnicas*. Zaragoza, Intituto Aragonés de Antropologia.
- MARQUES, RUI** (2003). *Políticas de gestão da diversidade étnicocultural. Da assimilação ao multiculturalismo - Breve Exercício*. [Em linha]. Disponível em <http://www.oi.acime.gov.pt/docs/rm/multiculturalismo.pdf> [Consultado em 12-02-2006].
- MARQUES, RUI** (2005). *Interculturalidade: Pontes e Abismos. Em defesa do interculturalismo*. [Em linha]. Disponível em <http://www.acime.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=933> [Consultado em 03-06-2006].
- Minister of Supply and Services Canada. (1987). *Multiculturalism ... being Canadian*. Canadá, Departement of the Secretary of State of Canada.
- PARK, ROBERT** (1928). "The bases of race and prejudice" In: *The annals of the american academy of political and social sciences*.
- PARK, ROBERT** (1929). *The city as a social laboratory*.
- PIRES, RUI PENA** (2003). *Migrações e Integração – Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*. Oeiras, Celta Editora.
- PORTES, ALEJANDRO** (1999). *Migrações Internacionais – Origens, Tipos e Modos de Incorporação*. Oeiras, Celta Editora.
- ROCHA-TRINDADE, MARIA BEATRIZ** (Coord.) (1995). *Sociologia das Migrações*. Lisboa, Universidade Aberta.
- ROCHA-TRINDADE, M. B.** (1995). *Sociologia das Migrações*. Universidade Aberta.
- THOMAS, WILLIAM E ZNANIECKI, FLORIAN** (1918). *The polish peasant in Europe and America*.
- UNIDOS para uma acção intercultural. (1998). «Racista, Eu?». [Em linha]. Disponível em http://www.minerva.uevora.pt/publicar/racismo/racista_eu.htm [Consultado em 03/06/2006].
- WIRTH, LOUIS** (1928). *The Ghetto*.

ANEXO

1. Tabela de Semelhanças e de Diferenças por Conceito										
Multiculturalismo	Termos utilizados	Machado (2002):	Rocha-Trindade (1995):	Minister of Supply and Services Canada (1987):	Organização Internacional para as Migrações (www.iom.int/):	Marques (2003):	Holliger (in Marques 2003):	Priore (in Marques, 2003):	Inglis (in Marques, 2003):	Castles & Miller (1993):
	Conceção teórica;									
	diferenciação social e cultural;				valores e práticas culturais diferentes;		Grupos diferentes;			Vários grupos étnicos
	diversidade	diversidade étnica	diversidade cultural e racial	diversidade;						
	solidariedade									
	comunidade		comunidade							Comunidades étnicas
	cultura					cultura étnica;		Grupos culturalmente distintos;	Segmentos étnicos distintos;	cultura
		carácter heterogéneo;								
		pluralismo cultural;					pluralismo;			
			política oficial;					Política;	Programas e iniciativas políticas	Instituições e políticas sociais
			igualdade;	igualdade;						
			liberdade;			liberdade de expressão;				
			Identidade						Identidades culturais;	
					Modelo		Modelos			
					Valores fundamentais comuns				valores comuns	princípios
					democracia;					democracia
					Estado de direito;		Direitos			
					Tolerância					
						participação;	participação.		participação;	participação
						envolvimento				
							Interação			
							Partilha			
								Facto;		
								coexistência pacífica.		
										Cidadania
										Respeito
								Leis		
	Semelhanças	Diferenças sociais e culturais; Diversidade étnica; Comunidade; Grupos culturais distintos; Pluralismo; Política; Igualdade; Liberdade; Identidade; Modelo; Valores comuns; Direitos;								
	Participação									
	Diferenças	Solidariedade; Democracia; Tolerância; Envolvimento; Interação; Partilha; Facto; Coexistência pacífica								

Multiculturalismo: consiste num modelo que em alguns países se traduz em políticas que assumem as diferenças sociais e culturais e a diversidade étnica existentes no seio da comunidade, outorgando às identidades culturais dos migrantes princípios e direitos comuns: a igualdade, a liberdade e a participação (Machado, 2002; Rocha-Trindade, 1995; Minister of Supply and Services Canada, 1987; Organização Internacional para as Migrações, [www. iom.int/](http://www.iom.int/), Marques, 2003; Holliger, *in* Marques 2003; Priore, *in* Marques, 2003; Inglis, *in* Marques, 2003; Castles & Miller, 1993).

Interculturalismo	Termos utilizados	Rocha.Trindade (1995)	Nieves (in Marcusán, 1996)	Fleuri http://www.ced.ufsc.br/nucleos/mover/html/FLEURI_2000_Multiculturalismo_e_interculturalismo_nos_pro.htm	Marques (http://www.acime.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=933);	UNIDOS (http://www.minerva.uevora.pt/publicar/racismo/racista_eu.htm);	Área (http://webpages.ull.es/users/manarea/Documentos/documento2.htm);	Guigoni (http://www.lacritica.net/guigoni.htm);	Governo do Chile (http://www.tolerancia.cl/index.php?option=com_content&task=view&id=308&Itemid=44);
	Políticas;						projecto político;		
	relações interculturais;	relações entre culturas							
	participação;								
	identidade sócio-cultural;		defesa das identidades;						
	Microculturas;						grupos étnicos e sociais;	sociedade multiétnica e multicultural;	diversas culturas;
	interacção;					conhecimento e contacto;			
	Interpenetração				cruzamento e miscigenação cultural;				
			pertença étnica;						
			reciprocidade;					reciprocidade;	
			respeito às diferenças			respeito;	respeito;		
					co-existência pacífica;				
					aceitação;	aceitação;			
					tolerância;		tolerância;		
					acolhimento;				
					transformação.				
						enriquecimento; encontro.			
							Cidadania;		
							convivência;		
							entendimento;	entendimento.	
						integração			
							teoria;		
								situação social;	
								diálogo;	
								reconhecimento;	
								igualdade;	
								intercâmbio;	
								espaço sociocultural comum.	
Semeelhanças	Política; relações interculturais; identidade sócio-cultural; culturas diferentes; interacção cultural; reciprocidade; respeito; aceitação; tolerância; entendimento.								
Diferenças	Participação; pertença étnica; co-existência pacífica; acolhimento; transformação; enriquecimento; encontro; cidadania; convivência; integração; teoria; situação social; diálogo; reconhecimento; igualdade; intercâmbio; espaço sociocultural comum.								

Interculturalismo: Pode também dar origem a uma política que partilha muitos pontos com o multiculturalismo, enfatizando as relações interculturais (interacção, reciprocidade, respeito, aceitação e tolerância pelas diferenças), de modo a atingir um nível de entendimento partilhado entre as populações minoritárias e a cultura maioritária (Rocha.Trindade, 1995; Nieves, in Marcusán, 1996; Fleuri, http://www.ced.ufsc.br/nucleos/mover/html/FLEURI_2000_Multiculturalismo_e_interculturalismo_nos_pro.htm; Marques, <http://www.acime.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=933>; UNIDOS, <http://www.minerva.uevora.pt/publicar/>

Integração	Termos utilizados	Durkheim (in Machado, 2002)	Lockwood (in Machado, 2002)	Almeida (in Machado, 2002)	Xiberras (in Machado, 2002)	Cashmore (in Machado, 2002)	Machado (2002)	Grinberg e Grinberg (2004)	Vale (in Barreto, 2005)	Pires (2003)	Letão (2002)	Dicionário de Sociologia (1981)	Abercrombie, Hill e Turner (1986)	Domingo (in Marcus, 1996)	Andujar (in Marcus, 1996)	OIM (http://www.iom.int/DOCUMENTS/PUBLICATION/EN/Glossary.pdf)	
	Estado																
	Interdependência harmônica											Harmonizar unidades antagônicas				Harmonia	
	Relações												Relações				
	Não exclusão																
	Processo										Processo bilateral	Processo	Processo	Processo	Processo	Processo	Processo bidirecional
	Participação																Participação
	Cidadania																
	Capacidade																
	Fronteiras																
	Individualidade											Individualidade					
	Igualdade																
	Produção																
	Distribuição																
	Governo																
	Consolidação																
	Reciprocidade												Reciprocidade				Intercâmbio recíproco
	Pertença																
	Sociedade global																
	Envolvimento																
	Renúncia																
	Diferença																Diferentes culturas
	Estratégia																
	Manutenção da identidade																
	Adopção valores																
	Incorporação																Incorporação
	Interação																
	Inter-sistemas de ordem																
	Cooperação																
	Solidariedade																
	Respeito																Respeito
	Ajustamento																Ajustes
	Apropriação																
	Mobilidade social																
	Unificar partes																
	Coerência																
	Aceitação																Aceitação
	Adaptação																Adaptação
	Preservação																Preservação
	Diversidade cultural																Diversidade cultural
	Semeiologias	Harmonia; Relações; Processo; Participação; Individualidade; Reciprocidade; Diferenças; Incorporação; Respeito; Ajustamento; Aceitação															
	Diferenças	Estado; Não exclusão; Cidadania; Capacidade; Fronteiras; Igualdade; Produção; Distribuição; Governo; Consolidação; Pertença; Sociedade global; Envolvimento; Renúncia; Estratégia; Identidade; Adopção de valores; Interação; Inter-sistemas de ordem; Cooperação; Solidariedade; Apropriação; Mobilidade social; Coerência; Adaptação; Preservação; Diversidade cultural															

racismo/racista_eu.htm; Área, <http://webpages.ull.es/users/manarea/Documentos/documento2.htm>; Guigoni, <http://www.lacritica.net/guigoni.htm>; Governo do Chile, http://www.tolerancia.cl/index.php?option=com_content&task=view&id=30&Itemid=44).

Integração: Consiste num processo de harmonização entre os vários grupos que constituem a sociedade, através do qual se fomentam relações entre as minorias e o grupo cultural dominante que possibilitem a incorporação e a participação das minorias através de ajustamentos, e do respeito e aceitação pelas diferenças (Durkheim, *in* Machado, 2002; Lockwood, *in* Machado, 2002; Almeida, *in* Machado, 2002; Xiberras, *in* Machado, 2002; Cashmore, *in* Machado, 2002; Machado, 2002; Grinberg e Grinberg, 2004; Vala, *in* Barreto, 2005; Pires, 2003; Leitão, 2002; Dicionário de Sociologia, 1981; Abercrombie, Hill e Turner, 1986; Domingo, *in* Marcusán, 1996; Andújar, *in* Marcusán, 1996; OIM, <http://www.iom.int//DOCUMENTS/PUBLICATION/EN/Glossary.pdf>).

Assimilação: Processo de incorporação das minorias numa sociedade dominada por uma maioria cultural, através da redução das diferenças das minorias, adquirida pela adaptação ao novo meio, pela interacção cultural, pela absorção e aceitação e aquisição de novos valores, pelo abandono de práticas da sociedade de origem, até ao surgimento de um sentimento de pertença à sociedade de acolhimento (Park, *in* Machado, 2002; Pires, 2003; Wilton e Bosworth, *in* Castles & Miller, 1993; Vala, *in* Barreto, 2005; Manning, *in* Portes; Eisentadt, *in* Portes; Gordon, *in* Rocha-Trindade, 1995; Simpson e Yinger, *in* Rocha-Trindade, 1995; Rocha-Trindade, 1995; Pires, 2003; Kasal, *in* Pires, 2003; Brubaker, *in* Pires, 2003; Park e Burgess, *in* Pires, 2003; Alba e Nee, *in* Pires, 2003; Dicionário de Sociologia, 1981; OIM, <http://www.iom.int//DOCUMENTS/PUBLICATION/EN/Glossary.pdf>; Kálin, *in* http://www.iom.int//DOCUMENTS/PUBLICATION/SP/IDM_4_sp.pdf; Inglis, *in* Marques, 2003).

Segregação: Na segregação destaca-se o termo “separação”, o que revela que este conceito remete para o facto de algumas sociedades não procurarem a integração dos seus grupos minoritários (hetero-segregação), relegando-os para um plano fechado baseado nas práticas de origem, evitando

Integração	Termos utilizados	Durkheim (in Machado, 2002):	Lockwood (in Machado, 2002):	Almeida (in Machado, 2002):	Xiberras (in Machado, 2002):	Cashmore (in Machado, 2002):	Machado (2002):	Grinberg e Grinberg (2004):	Vala (in Barreto, 2005):	Pires (2003):	Letão (2002):	Dicionário de Sociologia (1981):	Abercrombie, Hill e Turner (1986):	Domingo (in Marcasin, 1996):	Andújar (in Marcasin, 1996):	OIM (http://www.oim.int/DOCUMENTS/PUBLICATION/EN/Glossary.pdf)
	Estado															
	Interdependência harmônica											Harmônizar unidades antagônicas			Harmonia	
	Relações												Relações			
	Não exclusão															
	Processo										Processo bilateral	Processo	Processo	Processo	Processo	Processo bidirecional
	Participação				Participação	Participação									Participação	
	Cidadania															
	Capacidade															
	Fronteiras															
	Individualidade										Individualidade					
	Igualdade															
	Produção															
	Distribuição															
	Governo															
	Consolidação						Consolidação									
	Reciprocidade						Reciprocidade					Reciprocidade			Intercâmbio recíproco	
	Pertença						Pertença									
	Sociedade global						Sociedade global									
	Envolvimento						Envolvimento									
	Renúncia						Renúncia									
	Diferença						Diferença						Raças diferentes		Diferentes culturas	
	Estratégia						Estratégia									
	Manutenção da identidade						Manutenção da identidade									
	Adopção valores						Adopção valores									
	Incorporação						Incorporação								Incorporação	
	Interação						Interação									
	Inter-sistemas de ordem						Inter-sistemas de ordem									
	Cooperação						Cooperação									
	Solidariedade						Solidariedade									
	Respeito						Respeito								Respeito	
	Ajustamento						Ajustamento									Ajustes
	Apropriação						Apropriação							Apropriação		
	Mobilidade social						Mobilidade social									
	Unificar partes						Unificar partes								Unificar partes	
	Coerência						Coerência								Coerência	
	Aceitação						Aceitação								Aceitação	
	Adaptação						Adaptação								Adaptação	
	Preservação						Preservação								Preservação	
	Diversidade cultural						Diversidade cultural								Diversidade cultural	
Semelhanças		Harmonia; Relações; Processo; Participação; Individualidade; Reciprocidade; Diferenças; Incorporação; Respeito; Ajustamento; Aceitação														
Diferenças		Estado; Não exclusão; Cidadania; Capacidade; Fronteiras; Igualdade; Produção; Distribuição; Governo; Consolidação; Pertença; Sociedade global; Envolvimento; Renúncia; Estratégia; Identidade; Adopção de valores; Interação; Inter-sistemas de ordem; Cooperação; Solidariedade; Apropriação; Mobilidade social; Coerência; Adaptação; Preservação; Diversidade cultural														

Segregação	Termos utilizados	Vala (in Barreto, 2005):	Bourhis (in Barreto, 2005):	Rocha-Trindade (1995):	Dicionário de Sociologia (1981):	OIM (http://www.iom.int/DOCUMENTS/PUBLICATION/EN/Glossary.pdf):	Marques (2003):
		Não aceitação da identificação					
		Intolerância					
		Identidade					
		Crença					
		Cultura diferente					
		Percepção					
		Incapacidade de adoção					
			Estratégia				
			Separação	Separação forçada	Separação		
			Ambivalência				
				Práticas			
					Processo		
					Dissociação		
					Distanciamento		
						Sistema de valores monocultural	
						Adaptação	
						Limitação	
							Diferenciação
							Redução de contacto
							Ausência de interação
							Exclusão
	Semelhanças	Separação.					
	Diferenças	Não aceitação da identificação; Intolerância; Identidade; Crença; Cultura diferente; Percepção; Incapacidade de adoção; Estratégia; Ambivalência; Práticas; Processo; Dissociação; Distanciamento; Sistema monocultural; Adaptação; Limitação; Diferenciação; Redução de contacto; Ausência de interação; Exclusão.					

o contacto e a interação, o que vai gerar da parte dos grupos minoritários uma auto-segregação, terminando este estado de coisas na rejeição recíproca das partes (Vala, *in* Barreto, 2005; Bourhis, *in* Barreto, 2005; Rocha-Trindade; 1995; Dicionário de Sociologia, 1981; OIM (<http://www.iom.int/DOCUMENTS/PUBLICATION/EN/Glossary.pdf>; Marques, 2003).

Tanto o **multiculturalismo** como o **interculturalismo** resultam da constatação da existência de vários grupos culturalmente distintos, o que pode levar à assunção de medidas políticas nesse sentido. Contudo a fronteira entre o multiculturalismo e o interculturalismo não está clara, visto que ambas defendem a manutenção da identidade cultural das comunidades migrantes. A diferença poderá ler-se mais subjectivamente que objectivamente, na manifestação de um anseio de trocas entre culturas postulada pelo interculturalismo, enquanto o multiculturalismo pode representar apenas uma constatação social.

A **integração** surge no seio dos conceitos de multiculturalismo e de interculturalismo, como o processo que permite aos migrantes fazerem parte de um todo social. Aqui deve destacar-se apenas “a participação” no multicult-

turalismo, enquanto o contexto do interculturalismo contempla “as relações interculturais e a reciprocidade”.

Quer para a integração, quer para a **assimilação**, os autores recorrem ao termo “incorporação” para determinar o significado de dois processos que, por um lado parecem antagónicos, relativamente à manutenção ou ao abandono das identidades culturais dos imigrantes face à cultura dominante, mas por outro lado, a assimilação parece surgir como uma forma de integração, visto que o conceito de integração não determina os moldes em que ela se processa.

Entre os termos utilizados pelos autores para o mesmo conceito que não apresentavam semelhanças, a comparação para conceitos diferentes revela que a coexistência pacífica é um objectivo tanto do **multiculturalismo** como do **interculturalismo**.

Entre o **multiculturalismo** e a **integração** surgem novas semelhanças, nomeadamente a solidariedade para com os grupos minoritários, o envolvimento destes na vida social do país e a interacção entre os grupos. Isto sugere que para alguns autores a integração seja um processo derivado da situação de multiculturalismo.

Da mesma forma que para o multiculturalismo, as semelhanças no que toca ao sentimento de pertença das minorias em relação à sociedade de acolhimento, o exercício da cidadania e a igualdade revelam que a **integração** também faz parte das situações de **interculturalismo**. Assim, o conceito de multiculturalismo e de interculturalismo tornam-se ainda mais próximos.

Apesar das diferenças nos objectivos pretendidos com os dois processos, os conceitos apresentam semelhanças no que respeita à solidariedade e à adopção de novos valores, o que indicia que mesmo no processo de **integração** haja um certo nível de cedência por parte das minorias.

A **segregação** continua a ser o único conceito que não tem semelhanças com nenhum dos outros conceitos.

2. Tabela Comparativa das Semelhanças					
	Multiculturalismo	Interculturalismo	Integração	Assimilação	Segregação
Termos	Diferenças sociais e culturais	Culturas diferentes	Diferenças	Diferenças	
	Diversidade étnica			Diversidade	
	Comunidade				
	Grupos culturais distintos				
	Pluralismo				
	Política	Política			
	Igualdade				
	Liberdade				
	Identidade	Identidade sócio-cultural			
	Modelo				
	Valores comuns				
	Direitos				
	Participação		Participação		
		Relações interculturais	Relações		
		Interação cultural		Interação	
		Reciprocidade	Reciprocidade		
		Respeito	Respeito		
		Aceitação	Aceitação	Aceitação	
		Tolerância			
		Entendimento			
			Harmonia		
			Processo	Processo	
			Individualidade		
			Incorporação	Incorporação	
			Ajustamento		
				Absorção	
				Indistinação	
				Domínio da maioria	
			Adaptação		
			Abandono		
			Aquisição		
			Pertença		
				Separação	

	Multiculturalismo	Interculturalismo
Semelhanças	Diferenças culturais; Política; Identidade	
Diferenças	Diversidade étnica; Comunidade; Grupos culturais distintos; Pluralismo; Igualdade; Liberdade; Modelo; Valores comuns; Direitos; Participação	Relações interculturais; Interação cultural; Reciprocidade; respeito; Aceitação; Tolerância; Entendimento

	Interculturalismo	Integração
Semelhanças	Diferenças; Relações; Reciprocidade; Respeito; Aceitação	
Diferenças	Política; Identidade sócio-cultural; Interação cultural; Tolerância; Entendimento	Participação; Harmonia; Processo; Individualidade; Incorporação; Ajustamento

	Integração	Assimilação
Semelhanças	Diferenças; Aceitação; Processo; Incorporação	
Diferenças	Participação; relações; reciprocidade; Respeito; Harmonia; Individualidade; Ajustamento	Diversidade; Interação; Absorção; Indistinação; Domínio da maioria; Adaptação; Abandono; Aquisição; Pertença

3. Tabela Comparativa de Diferenças

Termos	Multiculturalismo	Interculturalismo	Integração	Assimilação	Segregação
	Solidariedade		Solidariedade	Solidariedade	
	Democracia				
	Tolerância				
	Envolvimento		Envolvimento		
	Interação		Interação		
	Partilha				
	Facto				
	Coexistência pacífica	Coexistência pacífica			
		Participação		Participação	
		Pertença étnica	Pertença		
		Acolhimento			
		Transformação			
		Enriquecimento			
		Encontro			
		Cidadania	Cidadania		
		Convivência			
		Integração		Integração	
		Teoria			
		Situação social			
		Diálogo			
		Reconhecimento			
		Igualdade	Igualdade		
		Intercâmbio			
		Espaço sociocultural comum			
			Estado		
			Não exclusão		
			Capacidade		
			Fronteiras		
			Produção		
			Distribuição		
			Governo		
			Consolidação		
			Sociedade global		
			Binómia		
			Estratégia		
			Identidade		Identidade
			Adopção de valores	Adopção	
			Inter-sistemas de ordem		
			Cooperação		
			Apropriação		
			Mobilidade social		
			Coerência		
			Adaptação		Adaptação
			Preservação		
			Diversidade cultural		
				Fase	
				Sedimentação	
				Contacto	
				Competição	
				Acomodação	
				Doutrina	
				Indiferenciação	
				Consenso	
				Acesso	
				Inclusão	
				Espaço identitário	
				Homogeneização	
				Incremento da similitude	
				Interpenetração	
				Fusão	
				Partilha	
				Mudança	
				Obliteração	
				Substituição	
				Interiorização	
				Alteração	
					Não aceitação da identificação
					Intolerância
					Crência
					Cultura diferente
					Percepção
					Incapacidade de adopção
					Estratégia
					Ambivalência
					Práticas
					Processo
					Dissociação
					Distanciamento
					Sistema monocultural
					Limitação
					Diferenciação
					Redução de contacto
					Ausência de interação
					Exclusão

	Multiculturalismo	Interculturalismo
Semelhanças	Coexistência pacífica	
Diferenças	Solidariedade; Democracia; Tolerância; Envolvimento; Interação; Partilha; Facto	Participação; Pertença étnica; Acolhimento; Transformação; Enriquecimento; Encontro; Cidadania; Convivência; Integração; Teoria; Situação social; Diálogo; Reconhecimento; Igualdade; Intercâmbio; Espaço sociocultural comum.

	Multiculturalismo	Integração
Semelhanças	Solidariedade; Envolvimento; Interação	
Diferenças	Democracia; Tolerância; Partilha; Facto; Coexistência pacífica	Pertença; Cidadania; Igualdade; Estado; Não exclusão; Capacidade; Fronteiras; Produção; Distribuição; Governo; Consolidação; Sociedade global; Renúncia; Estratégia; Adopção de valores; Inter-sistemas de ordem; Cooperação; Apropriação; Mobilidade social; Coerência; Adaptação; Preservação; Diversidade cultural

	Interculturalismo	Integração
Semelhanças	Pertença; Cidadania; Igualdade	
Diferenças	Coexistência pacífica; Participação; Acolhimento; Transformação; Enriquecimento; Encontro; Convivência; Integração; Teoria; Situação social; Diálogo; Reconhecimento; Intercâmbio; Espaço sociocultural comum	Solidariedade; Envolvimento; Interação; Estado; Não exclusão; Capacidade; Fronteiras; Produção; Distribuição; Governo; Consolidação; Sociedade global; Renúncia; Estratégia; Identidade; Adopção de valores; Inter-sistemas de ordem; Cooperação; Apropriação; Mobilidade social; Coerência; Adaptação; Preservação; Diversidade cultural

	Integração	Assimilação
Semelhanças	Solidariedade; Adopção	
Diferenças	Envolvimento; Interação; Pertença; Cidadania; Igualdade; Estado; Não exclusão; Capacidade; Fronteiras; Produção; Distribuição; Governo; Consolidação; Sociedade global; Renúncia; Estratégia; Identidade; Inter-sistemas; Cooperação; Apropriação; Mobilidade social; Coerência; Adaptação; Preservação; Diversidade cultural	Participação; Integração; Fase; Sedentarização; Contacto; Competição; Acomodação; Doutrina; Indiferenciação; Consenso; Acesso; Inclusão; Espaço identitário; Homogeneização; Incremento; da similitude; Interpenetração; Fusão; Partilha; Mudança; Oblição; Substituição; Interiorização; Alteração

	Assimilação	Segregação
Diferenças	Solidariedade; Participação; Integração; Adopção; Fase; Sedentarização; Contacto; Competição; Acomodação; Doutrina; Indiferenciação; Consenso; Acesso; Inclusão; Espaço identitário; Homogeneização; Incremento; da similitude; Interpenetração; Fusão; Partilha; Mudança; Oblição; Substituição; Interiorização; Alteração	Identidade; Adaptação; Não aceitação da identificação; Intolerância; Crença; Cultura diferente; percepção; Incapacidade de adopção; Estratégia; Ambivalência; Práticas; Processo; Dissociação; distanciamento; Sistema monocultural; Limitação; Diferenciação; Redução de contacto; Ausência de interação; Exclusão.